

# **O antipetismo como herança do anticomunismo: uma análise qualitativa dos editoriais do jornal O Globo entre o segundo governo Dilma a ascensão de Bolsonaro (2015-2018)**

**Palavras-Chave: Antipetismo, Anticomunismo, Jornal O Globo.**

**Autores/as:**

**Daniela Paro - IFCH/UNICAMP**

**Prof. Dr. André Kaysel Velasco e Cruz (orientador) - IFCH/UNICAMP**

---

## **INTRODUÇÃO:**

Iniciado em janeiro de 2015, o segundo governo de Dilma Rousseff pode ser caracterizado como um momento de forte crise política, social e econômica. As explicações são múltiplas, mas de uma perspectiva a curto prazo, leva-se em conta aspectos conjunturais e de conflitos de poder e a médio prazo explicações que buscam considerações históricas para esse momento que teve como resultado o fim dos governos do PT, com o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016 e uma virada política mais à direita com ascensão do então presidente Jair Bolsonaro, em 2018 (GOLDSTEIN, 2015)

O Partido dos Trabalhadores (PT), desde então, foi o partido que permaneceu por mais tempo na presidência, sendo o responsável por liderar o país em grande parte do período democrático, após obter quatro vitórias em eleições presidenciais e governar durante 13 anos consecutivos (GAGLIARDI, 2018). Em contrapartida, a grande imprensa brasileira seguiu contribuindo para a desestabilização da democracia por meio do fomento de uma narrativa e de um imaginário político negativo do PT, seus agentes e suas práticas.

O discurso da grande imprensa de desestabilização e criminalização do partido remete desde a primeira eleição do partido, em 1989. Após, Lula vencer as eleições em 2002, houve um período de equilíbrio entre o partido e a grande imprensa brasileira, devido a divulgação da Carta ao Povo Brasileira, que deixava claro que o partido se ganhasse seguiria uma agenda política de continuação e respeito a política econômica de Fernando Henrique Cardoso. A situação de equilíbrio terminaria em 2005, com o escândalo do Mensalão. Periódicos como O Globo e O Estado de São Paulo, se apropriaram do momento para conduzir o partido a adquirir uma política de diminuição da intervenção do Estado na economia (GOLDSTEIN, 2015). O conflito ficou ainda mais acirrado nas eleições de 2006, quando a grande imprensa acusou Lula de se apropriar de um discurso “populista chavista”, ao dividir a sociedade em dois campos, o “povo” e a “elite”. Ademais, as manifestações de 2013 contra o governo Dilma e a operação Lava Jato que colocava o partido mais uma vez no centro do escândalo de corrupção contribuiu para o discurso da grande imprensa de desestabilização e combate ao “inimigo”.

Ao longo do tempo, o combate ao comunismo foi produzindo um conjunto de representações e um imaginário anticomunista que são utilizados até hoje como instrumento de argumentação em momentos de polarização política e ideológica. O anticomunismo pode ser entendido como uma recusa pela palavra ou pela ação ao projeto comunista, sendo comunismo entendido como a síntese marxista-leninista, originadora do bolchevismo e do socialismo soviético. Os indivíduos e grupos que se dedicam a luta contra o comunismo formam verdadeiras “frentes anticomunistas” que são caracterizadas pela sua heterogeneidade, mas que em momentos considerados críticos ou de grave “perigo comunista” possuem

profunda capacidade de aglutinação e cooperação (MOTTA, 2000). Dessa forma, as representações anticomunistas provêm de três matrizes básicas, o cristianismo em especial o catolicismo, o nacionalismo e o liberalismo. Apesar de não ser uma divisão rígida, ela parte de um olhar analítico de que as representações são de tradições de pensamento diferentes, mas identificáveis. Assim, para o catolicismo o comunismo seria um inimigo irreconciliável, pois coloca em dúvida a existência de Deus e da igreja, portanto, a vitória dos comunistas seria o fim da igreja. Por outro lado, para o nacionalismo, o comunismo deveria ser combatido, porque, coloca em risco os princípios do nacionalismo, quais sejam, a defesa da ordem e da tradição. Por fim, para o liberalismo seu princípio básico estaria ameaçado, pois a vitória do comunismo seria o fim da propriedade privada (MOTTA, 2000).

O vínculo entre comunismo e anticomunismo provêm de uma formação identitária relacional que não possui necessariamente pesos proporcionais, ou seja, um movimento anticomunista poderoso não corresponde necessariamente a um movimento comunista forte, portanto, o anticomunismo teria tomado proporções que não corresponderia a um “real perigo” do comunismo. De certo modo, essa questão pode ser explicada a partir de um segundo problema: a dificuldade de definição de comunismo para os anticomunistas, que frequentemente apontam professores, trabalhadores, padres, políticos com tendências progressistas, trabalhistas ou populistas e até mesmo associado a um estilo de vida como o movimento hippie, como sendo comunistas. Logo, o comunismo seria um “inimigo” invisível, mas presente em toda a sociedade (BOHOSLAVSKY, 2016). E é justamente essa definição genérica de comunismo que coloca PT, um partido dito de esquerda, como comunista; assim como seus seguidores e todos aqueles que vão contra o status quo da sociedade ou contra as políticas e valores que tendem ao conservadorismo ou são antidemocráticas. Nesse sentido, representações anticomunistas voltam para o centro do debate político no Brasil. O uso de foices e martelos, imagens de Marx e Guevara, a oposição das cores nacionais, o verde-amarelo ao vermelho, expressões como “minha bandeira jamais será vermelha” ou “o Brasil não pode se tornar uma Venezuela” ou ainda “Vá para Cuba!”, são representações de combate a esquerda brasileira, ao PT e ao comunismo (MOTTA, 2019).

## **METODOLOGIA:**

Atualmente, a relação entre a imprensa e a política está cada vez mais evidente, pois ela assume, seu lado interpretativo dos acontecimentos e acaba tomando uma direção política prioritária, apesar de posicionar-se como um mero veículo de informação, neutro e imparcial. É de suma importância, considerar o papel da imprensa como objeto de investigações em pesquisas históricas, devido sua atuação como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção no meio social. A análise crítica de jornais de prolongada atuação na política brasileira, a exemplo, do jornal O Globo e O Estado de São Paulo (“Estadão”) permitem compreender sua atuação na política global e evidenciar a evolução de suas posições e direções políticas (MARIANI, 1996).

Para Antônio Gramsci (2001), partindo da análise dos jornais italianos, o jornalismo ao mesmo tempo que satisfaz as necessidades de seu público-alvo cria essas necessidades e por conseguinte, possui a capacidade de criar seu público-alvo e expandir sua área de atuação. Além disso, os jornais, desempenham a função de partidos políticos, operando como uma força dirigente ou orientadora na sociedade.

Tendo em vista o problema da pesquisa, optou-se pela Análise do Discurso da Escola Francesa, como metodologia. A técnica de Análise do Discurso, criada por Michel Pêcheux, pode ser definida como uma teoria crítica da linguagem de cunho materialista que busca por meio da relação entre língua, história, sociedade, ideologia e noção de sujeito, determinar o processo de produção de sentidos, ou seja, o processo de significação ou interpretação do mundo pelo sujeito. Assim, em uma sociedade historicamente determinada e que possui a mesma base linguística, a produção de sentidos está na base do discurso, ou seja, da relação entre posições enunciativas e a história, inseparavelmente (MARIANI, 1996).

Dessa forma, será empregada a técnica de análise de discurso e não a análise de conteúdo. pois busca-se por meio da análise dos editoriais do jornal encontrar os efeitos de sentido relacionado ao discurso do jornal O Globo quanto ao anticomunismo e ao antipetismo.

Sendo assim, a proposta é utilizar um periódico como fonte para a Análise do discurso, qual seja, o jornal O Globo. Para a Análise do Discurso, o discurso jornalístico é tipo de discurso sobre, pois tem como principal característica o distanciamento do enunciador daquilo que se fala, permitindo a formulação de juízo de valor ou opiniões. Assim sendo, o discurso jornalístico passa para o anonimato e com o auxílio da Memória Discursiva retoma certas interpretações que tem como principais consequências, a ilusão de linearidade entre os acontecimentos e a construção de uma narrativa hegemônica sobre uma determinada formação social (MARIANI, 1996).

A principal consequência da memória discursiva é o efeito imaginário de continuidade entre as épocas, produzindo uma narrativa hegemônica sobre uma determinada formação social. Portanto, a memória discursiva permite que um determinado discurso se torne o oficial colocando os demais no esquecimento, passando uma percepção de que nada muda, pois não leva em conta a possibilidade de novos acontecimentos trazerem à tona processos de significação que podem reconfigurar ou produzir novos sentidos (MARIANI, 1996).

No campo político, é bem comum o retorno de interpretações que busca de forma comemorativa revisitar um acontecimento, com o intuito de significá-lo sempre em uma mesma direção (Ibidem, p. 37). A exemplo, da “Intentona Comunista” de 1935, que busca sempre exaltar a vitória do governo Vargas, que reprimiu violentamente o levante comunista em nome da Aliança Nacional Libertadora (ANL) ou ainda o golpe civil militar de 1964 contra João Goulart que busca sempre ser justificado como uma ação necessária para combater a ameaça comunista (MOTTA, 2000).

Assim, a memória discursiva pode ser entendida como a reatualização de acontecimentos e práticas passadas em um momento presente, sob diferentes modos de textualização (referimo-nos, aqui, por exemplo, à produção literária, científica ou mítica, historiográfica e/ou jornalística), na história de uma formação ou grupo social (MARIANI, p. 39, 1996).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **Seleção de editoriais do jornal O Globo**

Os editoriais selecionados encontram-se disponíveis no Acervo O Globo, que possibilita o acesso digital a todas as páginas do jornal, desde sua fundação em 1925. O acervo apresenta filtros que possibilitam dois caminhos: a pesquisa de uma edição inteira do jornal, partindo de uma data específica ou a pesquisa por palavras-chaves, na qual os resultados são apresentados por números de páginas por matérias encontradas em que há menção ao termo. Há ainda, a possibilidade de buscar informações por períodos (décadas, anos, meses e dias), editoriais, cadernos ou por palavras isoladas, combinadas ou expressões exatas.

Dessa forma, a seleção dos editoriais foi possível a partir de duas dimensões: uma geral, que abarca a totalidade do jornal e uma opinativa que inclui as colunas, os artigos e as cartas dos leitores. Além disso, a seleção dos editoriais, seguiu o período proposto no projeto, ou seja, do segundo mandato da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2015 à eleição de Jair Bolsonaro em 2018. No entanto, seguindo o cronograma apresentado e devido ao grande número de editoriais que abarcam este período, foi selecionado apenas os editoriais do mês de janeiro, dos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018, totalizando 124 editoriais.

A seleção desses editoriais permitiu, inicialmente, uma análise exploratória de dados a partir do mapeamento de marcadores discursivos que estruturam o discurso jornalístico-político e, conseqüentemente, formam um imaginário negativo do Partido dos Trabalhadores (PT), sua ideologia e suas práticas políticas.

Os marcadores discursivos, foram escolhidos a partir da investigação da atuação d'O Globo na era PT e a partir das semelhanças existentes, discursivamente e historicamente com o discurso anticomunista. Assim, os marcadores encontrados neste primeiro momento são: 1. Corrupção; 2. Impeachment; 3. Demagogia; 4. Autoritarismo; 5. Populismo; 6. Lulopetismo; 7. Esquedopata; 8. Esquerda palaciana; 9. Ideologia petista; 10. Lulopetista; 11. Esquerda radical; 12. Bolivarianismo; 13. Venezuela; 14. Chavismo; 15. Kirchnerismo; 16. Cuba. Desses marcadores discursivos, alguns são frutos de um movimento expansionista de um tipo de ideário, evidentemente, de direita. Suas expressões, ganham cada vez mais presença na esfera pública, seja na imprensa com a Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o próprio O Globo ("grande imprensa"), seja pelo mercado editorial com livros como O Mínimo que você Precisa Saber para não ser um Idiota (Olavo de Carvalho), O País dos Petralhas e Objeções de um Rottweiler Amoroso (Reinaldo Azevedo), Lula é minha Anta (Diogo Mainard) e Esquerda Caviar, Privatize Já! (Rodrigo Constantino) ou que seja pela recente eleição de Jair Bolsonaro para presidência em 2018 (CHALOUB, PERLATTO, 2015).

Apesar de não ser um fenômeno homogêneo, esse tipo de ideário encontrou aproximação em um ponto comum, uma espécie de construção de um inimigo comum que se expressa por meio do antipetismo. Isso porque, a sequência de mandatos do PT, permitiu diversas transformações no campo político e no campo social por meio de programas que atendiam as "minorias", possibilitando sua vinculação à um imaginário de esquerda e, conseqüentemente, emergiu-se um discurso de reação, contraposto à esquerda, simbolizada pelo PT (CHALOUB, PERLATTO, 2015).

A articulação entre a defesa de uma agenda econômica liberal de um lado, com a sustentação de um conservadorismo moral nos temas comportamentais de outro, atravessa, com gradações e variações, parte significativa das produções desses intelectuais, permitindo situá-los como pertencentes a um campo comum (CHALOUB, LIMA, PERLATTO, p. 10, 2018).

Por exemplo, o marcador discursivo 7. Esquedopata, termo cunhado por Reinaldo Azevedo, determina que a afinidade e a defesa das ideias de esquerda são marcas de uma patologia psíquica e não de uma afinidade política (CHALOUB, PERLATTO, 2015). A questão, portanto, deveria ser tratada como uma doença e sua solução deveria partir do campo clínico. Semelhantemente, o comunismo era retratado por seus opositores através do léxico clínico, como aponta o trabalho de Rodrigo Pato Sá Motta (2000).

Outros marcadores como populismo, Venezuela, bolivarianismo, chavismo, kirchnerismo e Cuba pertencem, a um movimento que teve lugar na América Latina no início do século XXI, denominado, virada à esquerda. Diversos países da América Latina tiveram mudanças políticas acompanhadas pela chegada de presidentes de esquerda ao poder por via eleitoral, a exemplo, de Hugo Chávez na presidência da Venezuela em 1999, foi seguido por Lula no Brasil em 2003, Néstor Kirchner na Argentina em 2003, Evo Morales na Bolívia e Michele Bachelet no Chile, ambos em 2006, Rafael Correa no Equador em 2007, Fernando Lugo no Paraguai em 2008, e Tabaré Vázquez em 2005 e Jose "Pepe" Mujica em 2010, no Uruguai. Além disso, muitos desses foram reeleitos ou viram seus herdeiros políticos ascenderem, foram os casos de Lula, reeleito em 2006, e Dilma Rousseff, eleita em 2010 e reeleita em 2014; Cristina Kirchner eleita em 2007 e novamente em 2011; Hugo Chávez, reeleito em 2000, 2006 e 2012 e sucedido por Nicolás Maduro em 2013, Evo Morales, reeleito em 2009; Rafael Correa reeleito nas eleições de 2009 e de 2013, Michele Bachelet, mais uma vez eleita em 2013 e Tabaré Vázquez, novamente eleito em 2014 (GAGLIARDI, 2018).

## CONCLUSÃO

Os resultados são preliminares e ainda não possibilitam a construção de uma narrativa conclusiva a respeito do objeto estudado.

## BIBLIOGRAFIA

ARAUJO, Juliana Gagliardi de. **“Um projeto de poder por vias não democráticas”**: O Globo e a narrativa do Lulopetismo. Tese de doutorado (Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. **Organizaciones y prácticas anticomunistas em Argentina y Brasil (1945-1966)**. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, 2016. Vol. 42, nº 1, p. 34-52.

CHALOUB, Jorge. LIMA, Pedro, PERLATTO, Fernando. **Direitas no Brasil Contemporâneo. Teoria e cultura**. Juís de Fora: vol. 3, nº 2, dezembro de 2018, p. 8-21.

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da nova direita brasileira: ideias, retórica e prática política. 39º Encontro Anual da ANPOCS. 2015.

GOLDSTEIN, Ariel Alejandro. Los condicionamientos de la prensa en la crisis política del segundo mandato de Dilma Rousseff. **Revista Política Latinoamericana**, Buenos Aires, 2015. Nº. 1, p. 36-44.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, v. 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 2.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MARIANE, Bethania Sampai Corrêa. **O comunismo imaginário**: práticas discursivas da imprensa sob o PCB (1922-1989). Tese de doutorado (Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Anticomunismo e antipetismo na atual onda direitista. In: BOHOSLAVSKY, Ernesto Lázaro; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane. **Pensar as direitas na América Latina**. Alameda, 2019.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. Tese (Doutorado em História Econômica) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.